



Relações de gênero e ancestralidade: o papel das mulheres na preservação da cultura negra em Maracás-BA

Joselúcia Lisboa dos Santos, Cristiane Dias da Silva Fróes, Ana Angélica Leal Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

sulisboa10@hotmail.com

TRABALHOS COMPLETOS – GT 02 – Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

Este estudo investiga o papel das mulheres negras na preservação da cultura ancestral em Maracás-BA, destacando sua importância no feminismo negro e sua contribuição para a equidade e justiça social. Utilizando uma metodologia qualitativa baseada em revisão crítica da literatura, a pesquisa analisa trajetórias de figuras como Maria Nagô, Maria Bernardina, Eroltildes e Ana Luiza, que atuam como guardiãs de saberes tradicionais, realizando práticas comunitárias que fortalecem a identidade e a resistência cultural local. Os resultados revelam que essas mulheres não são meras receptoras, mas produtoras ativas de cultura, engajando-se em redes de cuidado e promovendo o empoderamento comunitário. A relevância do estudo se dá ao evidenciar a ancestralidade feminina como um processo dinâmico e vital, desafiando narrativas hegemônicas e oferecendo novas perspectivas para a resistência cultural no contexto brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Preservação Cultural; Maracás-Ba; Ancestralidade Feminina

Submetido em: 04/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

INTRODUÇÃO

Com propriedade, a filósofa e escritora Ribeiro, (2018) afirma que, o feminismo negro não se apresenta como um segmento divisivo, mas como uma perspectiva essencial e urgente para qualquer luta verdadeiramente eficaz por equidade e justiça social. Investigar como o papel central das mulheres negras na preservação da cultura ancestral em Maracás-BA é uma manifestação concreta e poderosa do feminismo negro em ação, demonstrando como essa luta por equidade e justiça social se efetiva através da guarda e transmissão dos saberes tradicionais.

No âmago do sertão baiano, o município de Maracás destaca-se como um território pulsante de memória e resistência cultural. Nesse contexto, as mulheres



assumem um lugar de protagonismo incontestável, atuando como guardiãs fundamentais de saberes, práticas e tradições que tecem a identidade ancestral de suas comunidades Oliveira, (2012). Elas são as fiadoras de um legado imaterial que se perpetua para além das gerações, mantendo viva a chama de uma cultura negra resiliente.

Essa dinâmica social singular, na qual as mulheres constroem e fortalecem seu espaço de pertencimento, tem sido objeto de investigação acadêmica. Pesquisas recentes, como as desenvolvidas por (Nascimento, 2022; 2024; Froes, 2022; Froes; Barbosa, 2025), dedicam-se a compreender e documentar o papel estruturante dessas mulheres, evidenciando como suas ações cotidianas configuram uma potente forma de preservação da história e da cultura local.

Desta forma, o presente estudo busca evidenciar e analisar a atuação das mulheres negras de Maracás, compreendendo suas trajetórias para além de um lugar de passividade, mas reconhecendo-as como agentes ativas e produtoras de cultura, conforme argumenta Carneiro, (2003) ao discutir a construção de espaços de poder pela mulher negra. A pesquisa orienta-se por uma metodologia de natureza qualitativa, baseada em revisão de literatura crítica, com o objetivo de descrever e interpretar o papel singular dessas mulheres em seus contextos sociais específicos.

Ao empreender essa análise, o estudo pretende, por fim, contribuir para a valorização da ancestralidade feminina, entendendo-a como elemento central e indissociável na construção e perpetuação da cultura afro-brasileira, um pressuposto também defendido por Gonzalez, (2020) em sua obra sobre a força da matriz cultural africana no Brasil. Dessa forma, a investigação almeja não apenas mapear práticas, mas fortalecer o reconhecimento dessas guardiãs como pilares fundamentais da resistência e continuidade cultural.

METODOLOGIA

Em 25 de agosto do corrente ano, procedeu-se a uma busca sistemática na base de dados Google Acadêmico, utilizando os descritores "feminismo" AND "negro" AND "ancestralidade", conforme metodologia de revisão bibliográfica



proposta por Sampaio e Mancini, (2007). A busca inicial resultou em um expressivo quantitativo de 68.900 estudos, refletindo a abrangência e relevância acadêmica do tema em escala global, porém demonstrando a necessidade de aplicação de critérios de filtragem mais específicos.

Diante da amplitude dos resultados, optou-se por refinar a estratégia de busca mediante a incorporação do descritor "Bahia", estabelecendo um recorte geográfico-cultural alinhado aos objetivos do estudo, tal como recomendado por Gil, (2008) em trabalhos de natureza qualitativa. Esta delimitação resultou em um corpus de 26.100 estudos, volume que, ainda considerável, evidencia a significativa produção acadêmica sobre feminismo negro no contexto baiano, conforme atestam as contribuições precursoras de Gonzalez; Chaparro; Daniel (2021), sobre a centralidade da Bahia na diáspora africana brasileira.

A opção metodológica desta pesquisa incluiu a realização de uma revisão de literatura crítica, com foco específico no seu lócus de investigação: o município de Maracás-BA. Esse recorte territorial permite um mergulho profundo nas particularidades culturais e sociais da região, seguindo a premissa de que o lugar de fala e de produção do conhecimento é fundamental, conforme propõe Pereira, (2018).

Neste compilado analítico, destacam-se as contribuições fundamentais de autores como (Nascimento, 2022; 2024; Froes, 2022), cujas obras – publicadas tanto em livros físicos quanto em formato digital – oferecem perspectivas essenciais para a compreensão do contexto investigado. A esses somam-se estudos disponibilizados em plataformas acadêmicas, como a pesquisa de Froes; Barbosa, (2025) no Google Acadêmico, apresentam reflexões recentes. Em conjunto, tais trabalhos constituem um arcabouço teórico relevante e multifacetado, permitindo uma aproximação consistente e contextualizada com a realidade local em foco.

Coletivamente, esses estudos convergem para um eixo central: a demonstração do papel estruturante das mulheres negras na construção e manutenção de seus espaços de pertencimento e nas redes de transmissão cultural em Maracás. Suas pesquisas evidenciam como essas mulheres atuam



como verdadeiras guardiãs da ancestralidade Oliveira; Santana, (2019), articulando saberes tradicional e práticas comunitárias que fortalecem a identidade negra local, um processo que dialoga diretamente com o conceito de "empoderamento comunitário" discutido por Santos, (2018).

GUARDIÃS DA ANCESTRALIDADE: O FEMINISMO NEGRO EM AÇÃO NA PRESERVAÇÃO CULTURAL

Nas entrelinhas do silêncio que custódia saberes milenares, nos gestos que reatualizam rituais ancestrais e nas memórias corporais que preservam a epistemologia de séculos, manifesta-se a potência intangível, ainda que visceralmente presente, da ancestralidade feminina Oliveira; Santana, (2019).

Entre as investigações mais relevantes sobre as dinâmicas do feminismo negro no sertão baiano, o estudo de Nascimento, (2022; 2024).

emerge como contribuição fundamental ao reconstituir a trajetória histórica de Maria Nagô, uma sacerdotisa de origem africana que, entre os séculos XVIII e XIX, circulava entre o Quilombo da Estiva e o Bairro do Cuscuz, em Maracás. Sua atuação não se limitava às fronteiras geográficas ou simbólicas; pelo contrário, ela encarnava a mobilidade e a resistência como estratégias de preservação cultural e exercício de poder feminino negro em contextos de opressão.

Reverenciada pela comunidade maracaense, sua atuação como sacerdotisa a e detentora de saberes tradicionais sobre ervas medicinais consagrou-a como figura central na rede de cuidado e resistência cultural local, exemplificando o protagonismo feminino negro na preservação de conhecimentos ancestrais. Conforme assinala (NASCIMENTO, 2022, p. 48) "O nome Maria Nagô dado a ela em seu inventário mostra que sua origem era do continente africano e é mais um exemplo da presença Yorubá na região de Maracás." Essa constatação vai além da identificação étnica, evidenciando como as mulheres negras constituíram – e ainda constituem — pilares de sustentação sociocultural, tecendo redes de saber, fé e poder que permeiam tanto os espaços rurais quilombolas quanto os urbanos, conformando assim uma geografia viva de resistência e ancestralidade.



Conforme demonstra a pesquisa, Maria Nagô não era apenas uma figura religiosa, mas uma verdadeira guardiã de saberes tradicionais - especialmente no uso de ervas medicinais - e articuladora comunitária, cuja influência permeava tanto o espaço quilombola rural quanto o urbano. Sua história ilustra de maneira eloquente como as mulheres negras construíram redes de cuidado, conhecimento e afeto, sustentando não apenas a saúde de seus corpos, mas a memória e a continuidade cultural de toda uma comunidade. Nesse sentido, sua trajetória oferece um vislumbre concreto do que significa o feminismo negro na prática: a capacidade de transformar saberes ancestrais em ferramentas de autonomia e resistência no presente.

Na análise das dinâmicas sociais e espaciais que moldaram a formação da Fazenda Estiva e do Bairro do Cuscuz em Maracás, o estudo de Froes, (2022) destaca o papel central de mulheres como agentes fundamentais na construção e perpetuação dessas comunidades quilombolas. Bernardina e sua irmã Eroltildes, na Comunidade da Estiva, assim como Ana Luiza, no Bairro do Cuscuz, emergem como figuras catalisadoras de processos comunitários, articulando saberes, memórias e práticas que reforçaram a identidade e a resistência negra nesses territórios, conformando o que Carneiro; Fischmann, (2005) define como "espaços de poder feminino negro".

As irmãs Maria Bernardina e Eroltildes exerceram um papel multidimensional na comunidade da Estiva, coordenando não apenas as cooperativas de cultivo agrícola, mas também liderando a confecção de casas de taipa — técnica ancestral de construção que representa mais do que um abrigo, mas um símbolo de resistência e autonomia territorial (Froes, 2022). Sua atuação articulava desde a organização produtiva até a gestão comunitária do alimento, assegurando a alimentação coletiva de todos os colaboradores, prática que identifica como uma tecnologia social de cuidado e reciprocidade tipicamente conduzida por mulheres negras em contextos quilombolas.

A senhora Ana Luiza, reconhecida como uma das matriarcas fundamentais da comunidade do Bairro do Cuscuz, é celebrada na obra de Froes, (2022) como um símbolo do empreendedorismo feminino negro e da preservação de saberes



ancestrais. Sua atuação pioneira na confecção artesanal do cuscuz – elaborado de maneira coletiva e herdeira de técnicas tradicionais – destaca-se como uma prática econômica de resistência, permitindo que as mulheres da localidade não apenas gerassem renda, mas também ocupassem o espaço público da então vila de Maracás, inserindo seus produtos e sua cultura no centro da vida econômica e social local.

Essa iniciativa, conforme analisa a autora, transcendia o aspecto meramente comercial: constituía um ato de afirmação identitária e comunitária. O cuscuz produzido por Ana Luiza e outras mulheres tornou-se mais que um alimento; transformou-se em um símbolo cultural que carregava consigo histórias, memórias e o protagonismo feminino negro, materializando o que Carneiro; Fischmann (2005) que os saberes e fazeres das mulheres negras geralmente estão relacionados – um modo de produção imbricado com afeto, coletividade e sustentabilidade. Dessa forma, sua trajetória ilustra como práticas aparentemente cotidianas encapsulam poderosas estratégias de sobrevivência e continuidade cultural.

Em estudo recente, Froes; Barbosa, (2025, p. 3) destacam o papel fundamental das mulheres quilombolas na Bahia, que “atuam como guardiãs da memória cultural e da transmissão de saberes, desempenhando funções cruciais na organização social e no fortalecimento das comunidades.” Com especial ênfase no município de Maracás, onde desempenham papéis centrais nos saberes ancestrais e lideranças comunitárias. As autoras demonstram como essas mulheres articulam, em seu cotidiano, a construção de identidades étnicas, a resistência cultural e as práticas de cuidado, enfatizando sua atuação na preservação de tradições, na gestão territorial e na manutenção da memória coletiva.

A pesquisa evidencia ainda a profunda interseccionalidade entre gênero, raça e território, ilustrando como as lideranças femininas tecem redes de solidariedade que fortalecem não apenas a coesão social, mas também a continuidade histórica e política dos quilombos baianos. Através de suas ações, essas mulheres reafirmam o seu lugar como agentes centrais na sustentação e



renovação dos legados culturais de suas comunidades, conformando um verdadeiro arquivo vivo de resistência e pertencimento.

As três obras aqui analisadas – de (Nascimento, 2022; 2024; Froes, 2022), além da colaboração de Froes; Barbosa, (2025) – constroem, em conjunto, uma narrativa coerente e multifacetada sobre o papel central das mulheres negras na preservação cultural, na resistência e na organização comunitária em Maracás-BA, articulando-se em torno do eixo teórico da ancestralidade feminina como força viva e prática de poder.

Em conjunto, as obras mostram que a ancestralidade em Maracás não é um patrimônio estático, mas um processo dinâmico liderado por mulheres que funcionam como guardiãs, articuladoras e inovadoras. Elas transformam saberes tradicionais em ferramentas de autonomia, resistência e geração de renda, atuando em domínios que vão da saúde à economia, da espiritualidade à gestão territorial. Através de suas ações, constroem o que se pode denominar uma geografia feminina negra da resistência, onde o passado se faz presente como projeto de futuro. Estas investigações contribuem, assim, para visibilizar e valorizar o protagonismo histórico e contemporâneo das mulheres negras na sustentação sociocultural dos territórios quilombolas.

CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo demonstram que as mulheres negras de Maracás-BA exercem um papel fundamental como guardiãs ativas da cultura ancestral. Suas trajetórias revelam que elas não são meras receptoras, mas produtoras de cultura, articulando saberes tradicionais e práticas comunitárias que fortalecem a identidade e a resistência local.

A pesquisa identificou que essas mulheres atuam em múltiplas dimensões: como sacerdotisas e detentoras de conhecimentos medicinais, como líderes na organização produtiva e construção de moradias, e como empreendedoras que transformam saberes culinários em ferramentas de autonomia econômica e afirmação cultural. Suas ações constroem redes de cuidado e solidariedade que sustentam a coesão social das comunidades.



O estudo conclui que a ancestralidade feminina em Maracás se manifesta como um processo dinâmico e vital, onde as mulheres funcionam como articuladoras e inovadoras, transformando tradições em ferramentas de empoderamento comunitário. Através de suas práticas cotidianas, elas constroem uma geografia de resistência que conecta passado, presente e futuro, reafirmando-se como pilares centrais na sustentação sociocultural dos territórios quilombolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Autêntica, 2019.

FROES, C. D. da S., & BARBOSA, A. A. L. (2025). Revisão de literatura em construção sobre as lideranças femininas e identidades étnicas das comunidades quilombolas da Bahia. *Cordis: Revista Eletrônica De História Social Da Cidade*, (35), e69593. <https://doi.org/10.23925/2176-4174.35.2025e69593>

FROES, Cristiane Dias da Silva. O papel das mulheres na formação da comunidade remanescente de quilombo Fazenda Estiva- Maracás/Ba. In: NASCIMENTO, Washington Santos; SANTANA, Marise de; BORGES, Luzineide. *Narrativas Ancestrais: Histórias e trajetórias de mulheres negras da Bahia*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora, Autografia, 2022. Cap.09, p.223 a 253.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz- Companhia das Letras, 2020.

GONZALEZ, Lélia; CHAPARRO, María Pilar Cabanzo; DANIEL, Camila. La categoría político-cultural de amefricanidad. **Conexión**, n. 15, p. 133-144, 2021.



NASCIMENTO, Washington Santos. A revolta das Costureiras: vidas negras, poder feminino e pós-abolição no sertão da Bahia. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2024, v. 1. 316p.

NASCIMENTO, Washington Santos. Maria Jacaré – **Nagô: os Yourubás, o sagrado e a formação de Maracás - BA**. In: NASCIMENTO, Washington Santos; SANTANA, Marise de; BORGES, Luzineide. Narrativas Ancestrais: Histórias e trajetórias de mulheres negras da Bahia. 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora, Autografia, 2022. Cap.02, p.39 a 65.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 18, p. 28-47, 2012.

OLIVEIRA, Viviane Sales; DE SANTANA, Marise. Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência. **ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas**, v. 4, n. 8, p. 94-118, 2019.

PEREIRA, Artur Oriel. O que é lugar de fala?. **Leitura: Teoria e Prática**, v. 36, n. 72, p. 153-156, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Editora Companhia das Letras, 2018.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian journal of physical therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007.

SANTOS, Cledineia Carvalho. Comunidade Quilombola Nova Esperança: a mulher na construção da identidade étnica. 2018.